

A Relíquia nos Painéis de São Vicente de Fora



The Relic in the Panels of São Vicente de Fora

João GOYRI-O'NEILL^{1,2,3}, Artur CAMISAO-SOARES³, Cláudia NEVES MARQUES¹
Acta Med Port 2013 May-Jun;26(3):289-293



Figura 1 – Painéis de São Vicente de Fora, 1480, Nuno Gonçalves, óleo e têmpera sobre madeira, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.

RESUMO

Os *Painéis de São Vicente de Fora*, um políptico datado de entre 1470 e 1480, são uma obra composta por seis painéis, da autoria de Nuno Gonçalves, pintor do rei D. Afonso V. Esta obra revela um dos mais notáveis retratos colectivos da pintura europeia, tornando este políptico uma fonte inesgotável de leituras e interpretações, alimentando uma polémica já secular. O presente trabalho visa a análise iconográfica anatómica precisa da imagem repintada no 6º painel, ou Painel da Relíquia. Esta é constituída por uma imagem central no quadro de uma estrutura apresentada por uma figura de vermelho, com especial reverência. A investigação e fundamentação realizada assentaram na observação directa e análise comparativa dos dados iconográficos recolhidos no Museu de Arte Antiga e das peças ósseas seleccionadas no Museu de Anatomia do Departamento de Anatomia da Faculdade de Ciências Médicas-Universidade Nova de Lisboa, realizada por dois observadores, e posterior análise das imagens obtidas no museu de arte antiga utilizando *software* específico. Após a observação destas, foi possível concluir que esta representação de uma relíquia nos Painéis de São Vicente, é uma representação icónica de um osso Occipital, fracturado no seu bordo inferior, sendo evidente, de forma quase íntegra, apenas a sua porção vertical ou escama.

Palavras-chave: Anatomia/história; História do século XV; Medicina em Arte; Osso Occipital; Pessoas Famosas; Pinturas.

ABSTRACT

The Panels of São Vicente de Fora, a polyptych dated from 1470 to 1480, are a work composed of 6 panels, authored by Nuno Gonçalves, a painter of King Afonso V. This work reveals one of the most remarkable collective portraits of European painting, making this polyptych an inexhaustible source of readings and interpretations, fueling a secular controversy. The present work aims analyzing precise an iconographic anatomical image repainted in the 6th panel, or the panel of the Relic. This consists of a central image within a structure shown by a red figure with special reverence. The investigation conducted and justification was based on direct observation and comparative analysis of iconographic data collected in the Museum of Antique Art. The bone pieces were selected at the Museum of Anatomy, Department of Anatomy, Faculty of Medical Sciences, New University of Lisbon, and the comparative analyses performed by two observers, with further analysis of the images obtained in the National Museum of Ancient Art using specific software. After watching these, it was concluded that this representation of a relic in the Panels of São Vicente is an iconic representation of an Occipital bone, fractured at its lower edge, being evident, almost complete, its vertical portion or scale.

Keywords: Anatomy/history; History, 15th Century; Medicine in Art; Occipital Bone; Famous Persons; Paintings.

1. Departamento de Anatomia. Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. Portugal.

2. Centro de Investigação Física e Tecnológica - CEFITEC. Lisboa. Portugal.

3. Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes. Faculdade de Belas Artes. Lisboa. Portugal.

Recebido: 14 de Janeiro de 2013 - Aceite: 02 de Março de 2013 | Copyright © Ordem dos Médicos 2012

INTRODUÇÃO

O estudo material das obras de arte e, em particular, das pinturas, requer a utilização de diversos meios de observação e análise que permitem obter informações quer sobre a técnica do autor quer sobre os materiais por ele utilizados, embora nem sempre seja possível separar completamente os dois aspectos.

Os Painéis de São Vicente de Fora (Fig. 1), datados de entre 1470 e 1480, são uma obra composta por seis painéis. Nestes painéis, cuja autoria é atribuída a Nuno Gonçalves, pintor do rei D. Afonso V, revela-se um dos mais notáveis retratos colectivos da pintura europeia. Sendo este políptico fonte inesgotável de leituras e interpretações, um segmento considerável da recente historiografia concorda no facto da representação se centrar na Veneração a São Vicente no contexto das campanhas da Dinastia de Avis contra os mouros, em Marrocos.¹ Pintura a óleo e têmpera sobre madeira exposta no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa. O políptico de São Vicente, dada a sua importância e a polémica que o acompanha há mais de um século, apresenta ainda a particularidade de a história dos exames de laboratório a que deu origem² se confundir, por vezes, com os primórdios da investigação nalguns domínios.

A presença de diferentes representações constantes neste políptico, ou retábulo, tem criado numerosas interpretações sobre as mesmas, com a presença de descrições históricas e outras mais recentes, até ao momento pouco precisas e deixando em aberto o campo para a discussão. Constitui uma obra de enorme importância simbólica na cultura portuguesa, daí resultando os enormes desafios interpretativos que tem suscitado nomeadamente no domínio das identificações iconográficas, exercício mais ou menos imaginativo que tem alimentado uma polémica já secular e até ao momento inconclusiva.¹ Esta discussão consistiu, frequentemente, numa ligação muito estreita aos factos históricos que a peça simboliza e representa, tanto no campo real como eclesiástico, tendo sido perdida a objectividade científica necessária e obrigatória a uma análise mais dirigida.

O presente trabalho visa a análise iconográfica anatómica precisa da imagem repintada no sexto painel, ou Pannel da Relíquia, destes designados Painéis de São Vicente de Fora, procurando esclarecer a sua natureza e os quais os danos eventuais da sua estrutura, responsáveis pela sua aparência dúbia. Numa descrição histórica de 1675 a 1702 surge a referência³ ao Arcebispo de Lisboa e Cardeal, D. Luís de Sousa, referência esta que indica que este mandou fazer um retábulo novo para a capela-mor da Sé de Lisboa e guardar os antigos painéis que mostravam a trasladação das relíquias de São Vicente.³

Esta realidade, no contexto cronológico em que foi realizada esta pintura, encontra justificação - o culto dos santos, como forma de culto dos mortos, funda-se na veneração das suas relíquias, isto é, dos seus restos corporais.⁴

Um corpo santo tinha, na Idade Média, uma importância

que hoje temos dificuldade em imaginar. Tesouros e talismãs, os ossos dos santos eram estimados como mais preciosos que as pedras preciosas.³

Esta investigação motivada pela necessidade de esclarecimento pessoal dum tema que se nos tinha sido apresentado como consumado. Sendo além do escopo do presente artigo e da área de interesse e investigação dos seus autores, não serão abordados os conceitos artísticos ou históricos.

MATERIAL E MÉTODOS

O material recolhido para o presente estudo é de duas proveniências:

1. Material iconográfico

a. O material foi obtido no Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, com a autorização e em presença do Exmo. Conservador, em Outubro de 2003. As fotografias obtidas foram realizadas por técnico especialista do Serviço de Meio Audiovisual da Faculdade Ciências Médicas da Universidade Nova Lisboa, com equipamento de fotografia digital de alta definição. O material iconográfico foi recolhido em condições de iluminação ambiental, não tendo sido usada qualquer iluminação adicional por razões de preservação da pintura. As tomadas de fotos foram realizadas a distâncias várias para captação do todo e pormenores considerados relevantes.

b. O material iconográfico das peças ósseas do Museu de Anatomia do Departamento Anatomia da Faculdade Ciências Médicas da Universidade Nova Lisboa (FCM-UNL) foi obtido com o mesmo equipamento pelo mesmo técnico e condições de iluminação semelhantes.

2. Material de osteologia

1. Foram colhidas várias peças ósseas anatómicas cadavéricas humanas do Museu de Anatomia do Departamento Anatomia da Faculdade Ciências Médicas da Universidade Nova Lisboa (FCM-UNL).

Peças anatómicas seleccionadas: Dois temporais, dois parietais, quatro occipitais, duas cabeças ósseas completas e seccionadas.

Metodologia

1. Observação directa e análise comparativa das imagens e das peças ósseas seleccionadas, realizada por dois observadores.

2. Análise comparativa das imagens obtidas no museu arte antiga e das peças ósseas, utilizando software específico - Adobe® Photoshop® Elements 11 & Adobe Premiere® Elements 11.

3. Apresentação dos resultados em fórum científico Jornadas de Anatomia em 2004 e reconhecimento por parte de aproximadamente 200 participantes (cientistas e alunos de medicina).

RESULTADOS

A apresentação de resultados neste trabalho será realizada por análise comparativa entre a estrutura evidenciada no 6º Painel do políptico de S. Vicente de Fora e as peças anatómicas osteológicas cadavéricas recolhidas a partir do espólio do Departamento de Anatomia da FCM-UNL.

Análise da estrutura constante da fotografia constante do painel “Relíquia” (Fig. 2).

Descrição iconográfica da Relíquia constante do 6º Painel do políptico de São Vicente de Fora

‘Uma figura de vermelho mostra sobre um pano verde um objecto estranhamente impreciso, mas de significação imediata: uma relíquia bem visível.⁵ O aspecto da relíquia presta-se a uma tal latitude de interpretações que ela já chegou a ser considerada como um simples pedaço de pano, hipótese que não é pior nem melhor que qualquer outra tentativa de compreensão literal.⁵ É importante salientar que o objecto, pela forma cerimoniosa como é exibido sobre o pano verde, não poderia deixar de ser considerado como uma relíquia.

A observação cuidada da estrutura, representada de forma alegórica, permite retirar eferências de carácter geral, nomeadamente a consistência rígida que a estrutura apresenta é indeformável - a estrutura não acompanha as pregas do tecido onde está assente e projecta-se a partir deste, assentando sobre a palma da mão (sob o pano) do seu portador, a figura de vermelho.⁵

Esta estrutura apresenta uma concavidade geral que olha para cima e ligeiramente para a esquerda (apresenta-se em rotação de aproximadamente 15 - 20° à esquerda). Esta concavidade está subdividida em três outras, dois superiores de tamanho semelhante e disposição análoga, com raios de curvatura próximos, e a outra inferior e esquerda de menor dimensão.

Apresenta três saliências alongadas, dispostas perpendicularmente. Uma destas, quase vertical, de aspecto aguçado, as duas horizontais rombas e pouco saliente mais

evidente à esquerda (na Foto). No entrecruzamento das saliências observa-se uma outra estreita, aplanada no plano sagital, aguçada e saliente para dentro da cavidade de vértice aguçado.

Os bordos da estrutura são três. Dois destes são oblíquos e superiores e divergem dum ápex superior e mediano. O outro inferior, horizontal e de bordo recortado, irregular comparativamente aos restantes bordos. Os bordos supero-externos apresentam nos seus 2/3 superior várias particularidades de descrição: inúmeras saliências finas, digitiformes e aguçadas separadas por reentrâncias cujas bases estão ao mesmo nível. O 1/3 inferior sem saliências nem reentrâncias. O bordo inferior apresenta-se dividido em vários segmentos: o segmento médio é côncavo e a concavidade olha para diante liso; um segmento esquerdo subdividido em dois fortemente côncavos e uma saliência aguçada. O segmento esquerdo (na foto) é ausente e pela regularidade dos bordos perpendiculares, sendo factual sido resultado de fractura.

Descrição Anatómica das Peças Cadavéricas de Osteologia realizada a partir do espólio do Museu de Anatomia do Departamento de Anatomia da FCM-UNL.

Partindo da descrição realizada sobre a Relíquia presente no sexto Painel de São Vicente de Fora (Fig. 3), seguindo a linha orientadora e atrás fundamentada, de que se trata de um osso craniano, e considerando o contexto dimensional em que se insere, nomeadamente a mão do seu portador como referência, é possível ter uma noção aproximada do tamanho e outras características expectáveis da peça. Tendo em conta a sua estrutura e conformação, nomeadamente a espessura e regularidade da sua face, será um osso achatado ou plano. Relativamente aos ossos do crânio, esta característica limita as possibilidades aos ossos integrantes da calote craniana, nomeadamente, ossos simétricos, como o osso parietal e a escama do temporal, ou medianos, como o osso frontal e o osso occipital.⁶⁻⁸

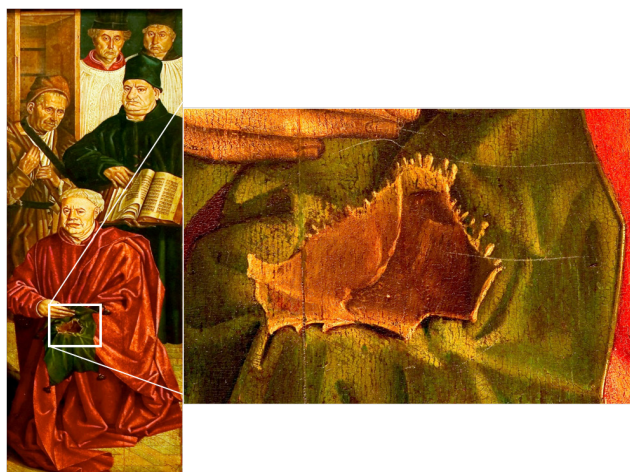


Figura 2 – Pormenor do 6º Painel ou Painel da Relíquia.

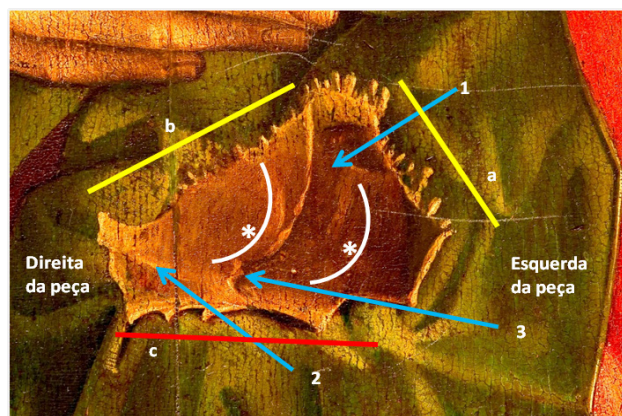


Figura 3 – Pormenor do 6º Painel do políptico de São Vicente de Fora – seta 1. Saliência mediana vertical aguçada; 2. Saliência horizontal, mais marcada à direita; 3. Saliência projectada no sentido do centro da concavidade da peça; linha a) e linha b) Bordos superiores; linha c) Bordo inferior, fracturado; Semicírculos *- fossas côncavas.

Seguindo uma linha orientadora descritiva ântero-posterior, o osso frontal é constituído por duas porções, uma espessa horizontal, e uma porção vertical, que integra a abóbada craniana. Tal como na imagem da *Relíquia* encontrada nos Painéis, a face endocraniana, côncava, deste osso, apresenta, sobre a linha mediana, uma aresta aguda, com 2 a 3 cm – a crista frontal – que se bifurca superior e posteriormente e rodeada de fossetas – fossetas de Pachionni – que lhe atribuem em geral na peça cadavérica, uma aparência rugosa e perfurada.⁷

A sua face endocraniana encontra-se, assim, apenas dividida em duas fossas frontais, a esquerda e direita,⁵ ao contrário de quatro, duas superiores e duas inferiores, sendo o seu rebordo superior semicircular, e não angulado, como surge no Paineis de São Vicente de Fora. O bordo superior, que delimita a união do osso Frontal aos ossos Parietais através da sutura coronal é apenas sumariamente dentado,^{6,8} sem a evidência notória no Paineis da presença de extensas extensões digitiformes rugosas.

Considerando os ossos parietais, estes apresentam, como ossos simétricos, uma imagem bilateral em espelho. São ossos igualmente achatados, com duas faces e quatro bordos, sendo a sua face endocraniana deprimida de forma geral numa fossa – a fossa Parietal^{6,7} – percorrida por sulcos lineares, de calibre progressivamente menor, numa conformação semelhante às nervuras de uma folha.⁸ Embora com quatro bordos, o osso apresenta uma conformação interna não segmentada em fossas, com rebordo recortado e irregular, com presença das extensões digitiformes irregulares também observáveis na *Relíquia* presente nos painéis, mas apenas notório num dos seus bordos, profundamente dentado.

A escama do temporal, de menores dimensões que os ossos anteriormente descritos, apresenta-se deprimida, côncava, acompanhado a estrutura geral da calote ou abóbada craniana, embora de forma menos pronunciada. Não apresenta nenhum sulco rombo e convexo interior ou protuberância central, nem os seus bordos, superior ou inferior, apresentam marcadas rugosidades e depressões.^{6,7}

O osso occipital (Fig. 4), segmento ósseo mais posterior da calote craniana e limite posterior do andar posterior da base do crânio, corresponde a um osso achatado ou plano. Pode ser dividido em quatro estruturas primitivamente separadas e distintas no recém-nascido e unidas entre si no adulto,⁸ respectivamente e de diante para trás a apófise basilar ou corpo do occipital, duas massas laterais, e uma porção posterior, a escama do occipital.⁵⁻⁷ A sua concavidade geral, que acompanha a concavidade interior da abóbada craniana, olha para cima e ligeiramente para a esquerda.

Na sua orientação absoluta, enquanto osso isolado do restante crânio ou, mais concretamente, da restante calote óssea em que se inclui, a mesma pode ser feita de forma leiga pelo simples reconhecimento de que a sua face convexa é posterior e o buraco (*foramen magnum*) é inferior e ocupa uma posição aproximadamente horizontal.^{6,7}

Na observação da peça, e guardando especial relevo

para a escama do occipital, é possível observar que na peça cadavérica ela é larga, achatada e losângica, com quatro bordos e quatro ângulos que separam duas faces, uma endo e uma exocraniana. Os dois bordos superiores ou parietais articulam-se com os parietais segundo a sutura lambdóide, encontram-se providos de inúmeras extensões digitiformes,⁷ separadas por reentrâncias cujas bases estão ao mesmo nível, variavelmente alongadas e irregulares, que se entrecruzam na calote íntegra com estruturas homólogas presentes no bordo posterior dos ossos parietais e já descritas. Os bordos temporais ou inferiores, encontram-se divididos em dois segmentos praticamente idênticos por uma eminência volumosa e facilmente reconhecível, a apófise jugular. Estes bordos encontram-se entre si nos seus quatro ângulos reconhecíveis na peça cadavérica. O ângulo superior, agudo e marcadamente dentado, encontra-se entalhado na calote craniana no ângulo posterior formado pela união sagital dos dois parietais. O ângulo inferior, mais espesso e truncado, na porção média, constitui o bordo posterior do buraco occipital e une-se lateralmente à extremidade posterior das massas laterais.⁶⁻⁸

Relativamente à sua face endocraniana, sobre a linha mediana encontra-se uma saliência observável e rugosa ao toque, que corresponde simetricamente à protuberância occipital exterior na face exocraniana, a protuberância occipital interior. Esta formação corresponde à convergência posterior dos seios cranianos - lagar de Herófilo -, convergência esta que se traduz frequentemente na depressão do centro da protuberância.⁶ À observação e ao toque confirma-se a presença de regularidades ósseas, saliências rombas, que partem desta protuberância: duas goteiras horizontais – goteiras dos seios laterais – uma de cada lado, para a porção occipital dos seios laterais; uma goteira vertical e ascendente, a goteira do seio longitudinal superior; e uma crista vertical descendente, a crista occipital interna, que se bifurca perto do buraco occipital, delimitando com os seus ramos a fossa vermiana.⁶⁻⁸ Estas goteiras e a crista occipital interna que formam eminência cruciforme delimitam, entre si, quatro fossas occipitais: duas superiores ou cerebrais e duas inferiores ou cerebelosas.



Figura 4 – Osso Occipital – Face endocraniana da Escama (Colecção Museu de Anatomia, Dep. Anatomia – FCM-UNL).

DISCUSSÃO

Após a descrição iconográfica da relíquia representada de forma alegórica no sexto Painel dos Painéis de São Vicente e da descrição anatómica das várias peças anatómicas constituintes da calote craniana, com especial relevo para o osso occipital, há definitivamente pontos comuns entre estas estruturas.

Voltando a debruçar-nos sobre o ícone representado nos Painéis (Fig. 2), e recorrendo ao descrito face ao osso occipital, trata-se efectivamente de uma estrutura dura, resistente e não deformável, de tom nacarado – aspecto ósseo –, com uma descrição em tudo semelhante à descrição anatómica consistentemente repetida nos mais variados tratados de anatomia. A posição do osso no pano, apresentado na mão da figura de vermelho que o suporta em deferência, apresenta-se para o observador com uma rotação de aproximadamente 15 a 20° no plano vertical que atravessa o centro da sua concavidade, dificultando a sua observação directa. No entanto, esta mesma rotação e o jogo de luz realizado pelo seu autor, o pintor quinhentista Nuno Gonçalves, permite observar os vários acidentes anatómicos da sua superfície – as quatro fossas, a eminência central protrudente para o centro da concavidade, os sulcos lineares verticais e horizontais que percorrem a sua face, assim como os seus bordos recortados e digitiformes superiormente, ou anfractuosos e laminados (como resultado da fractura do osso na linha de separação mais frágil, na sua ligação às massas laterais), sugerindo o contorno posterior do *foramen magnum* ou buraco occipital.

REFERÊNCIAS

1. 10 Obras de referência do Museu de Arte Antiga – Painéis de São Vicente de Fora. [consultado em 2013 Mar 28]. Disponível em: <http://www.mnarteantiga-ipmuseus.pt/pt-PT/exposicao%20permanente/obras%20referencia/ContentDetail.aspx?id=213>.
2. Cruz A. Do certo ao incerto: o estudo laboratorial e os materiais do políptico de S.Vicente, Novos documentos. In: Estudo da Pintura Portuguesa do séc. XV. Lisboa: Instituto Português de Museus; 1994. p.41-5.
3. Carvalho J. Iconografia e Simbólica do Políptico de São Vicente de Fora. Lisboa: edição do autor; 1965.
4. Maurício D. O Infante Santo e a Cúria Pontifícia, . Rev Brotéria. Ano; 10:24.

CONCLUSÃO

Com base na análise comparativa e recurso a *software* indicado, foi possível realizar uma abordagem inédita na literatura à análise deste políptico.

Concluimos, após a anteriormente discutida e apresentada reflexão, como referido, de que esta representação de uma relíquia nos Painéis de São Vicente é, em consenso entre os observadores integrantes do presente artigo, na verdade, uma representação icónica de um osso Occipital com o seu bordo inferior fracturado.

Embora exista ainda algum debate sobre o tema e a natureza do objecto exposto,¹⁻³ consideramos que o presente artigo permitiu trazer alguma luz à discussão centenária⁹ relativa a esta obra, com argumentos fundamentados e mais extensamente desenvolvidos do que alguma vez realizado, nesta obra.

Futuramente, consideramos que seria interessante, proceder a avaliação semelhante de outras obras contemporâneas e relicários, com uma visão de anatomista ou cientista, permitindo, mantendo sempre o maior respeito e reserva no seu estudo, esclarecer a origem e contexto de algumas das relíquias expostas.

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram não existir qualquer conflito de interesses relativamente ao presente artigo.

FONTES DE FINANCIAMENTO

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

5. Marques AS. Painéis de S. Vicente de Fora: Painel da relíquia. [consultado em 2013 Mar 28]. Disponível em: <http://paineis.org/C03e.htm>.
6. Esperança-Pina JA. Anatomia Humana da Locomoção. 4ª ed. Lisboa: Lidel; 2010.
7. Testut L, Latarjet A. Tratado de anatomia Humana – Tomo Primeiro. Lisboa: Salvat Editores; 1978.
8. Rouvière H, Delmas A. Anatomía Humana, Tomo 1. 11ª ed. Paris: Masson; 2005.
9. Tudella J. Os Painéis de D. Afonso V - Proposta de interpretação da obra, datação e identificação de personagens, capítulo VI. Lisboa: Livros Horizonte; 2005.